

BRESSER ANUNCIA APOIO DAS POTÊNCIAS

Os sete países mais industrializados do mundo, nossos maiores credores, prometeram ao ministro brasileiro não mais exigir do Brasil o acordo prévio com o FMI antes da renegociação da dívida com os bancos privados, como ele contou em entrevista a nosso correspondente, Moisés Rabinovici. Os bancos, porém, ainda querem mais detalhes do plano de refinanciamento proposto pelo Brasil, como deixam claro num comunicado à comunidade financeira.

O Brasil ganhou ontem a neutralidade dos países industrializados para ir ao FMI só depois de concluir um acordo com os bancos comerciais, mas o ministro Bresser Pereira admitiu que "o importante não é o tempo, mas a vinculação", e que, assim, "um acordo desvinculado com o FMI pode-se tornar operacional simultaneamente com um acordo com os bancos credores".

Camdessus (o diretor-gerente do FMI) ficou encantado", revelou o ministro Bresser Pereira, acrescentando um pedido aos repórteres: "Mas não procurem conferir esta informação hoje (ontem) com os ministros. Só amanhã (hoje), o pedido é deles".

O pedido serviu como uma explicação a informações contraditórias que podiam ser colhidas no saguão do FMI, por onde transitam os ministros de Economia participantes da 29ª reunião do Comitê Interino do Fundo.

Por exemplo, o ministro inglês Nigel Lawson, ao ser consultado quando atravessava um verdadeiro corredor polonês de fotógrafos, cinegrafistas e repórteres, recusou-se "a ditar o que os países endividados devem fazer". Mas disse que, para obter dinheiro do Clube de Paris, "o Brasil precisa ir ao FMI".

O norte-americano, outro exemplo. James Baker III, o secretário do Tesouro que chamou o plano original para a renegociação da dívida de "non-starter" (sem futuro), mas que agora o veria "starter" (um começo), em sua nova versão, foi seco ao ser consultado na passarela, pelos repórteres: "Não sei de detalhes do novo plano", disse, e furou o bloqueio.

Mais um exemplo, o de Barber Conable, presidente do Banco Mundial, considerado "um amigo do Brasil". Ele escapou às questões dizendo: "Não tive tempo de ler o plano do Brasil. Afinal, estou encontrando com ministros a cada meia hora".

O ministro Gerhard Stoltenberg, da Alemanha, parou e disse: "Vai ser um grande erro se o Brasil insistir em manter uma posição de isolamento".

Mas tudo teria mudado depois do almoço, passando do "non-starter" para o "starter". E quem o relata é o próprio ministro Bresser Pereira, que resolveu sentar-se com a imprensa brasileira e atendê-la com calma. Segundo ele, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, cumprindo uma promessa feita no começo do mês, em troca do "pequeno recuo" que acabou com a transformação de metade da dívida brasileira em título a longo prazo, pediu aos ministros do Canadá, Japão, França, República Federal da Alemanha, Itália e Inglaterra, que permitissem a seus bancos aceitar um acordo com o Brasil antes de um acordo do Brasil com o FMI.

"Os ministros ficaram em dúvida. Senti que estavam. Se os ministros ficam em dúvida, os bancos também ficam... Disse-lhes que estava então propondo um acordo (num almoço, ontem). Quer dizer: se o Brasil conseguisse a desvinculação com o Fundo, o Brasil, depois, iria propor um acordo — um acordo que acharmos razoável, bom para nós."

Segundo o ministro Bresser Pereira, os ministros dos sete países industrializados, incluindo os Estados Unidos, "compreenderam o problema e não vão interferir. Não vão dizer a seus bancos: façam um acordo com o Brasil, sem o FMI. Mas também não dirão: não façam. A coisa ficou então bem mais tranquila, do meu ponto de vista. Não há mais restrição para que o Brasil faça um acordo com os bancos sem o FMI. Temos o sinal verde, em outras palavras. Veio na hora certa".

Agora, com os bancos

Enquanto o ministro Bresser Pereira reduzia o problema aos bancos comerciais, o *Jornal da Tarde*, em Washington, recebia a cópia do telex que o Comitê dos Bancos

Credores enviou à comunidade financeira internacional, participando o primeiro encontro com os negociadores brasileiros, na última sexta-feira.

O telex conta que além dos representantes dos 14 bancos que coordenam as negociações em nome de mais de 600 outros, havia, na sala, enviados do Fundo Monetário Internacional, do Bird, do Banco do Canadá, do Banco do Japão, do Banco da França, do Banco da Alemanha, do Federal Reserve (o Banco Central dos Estados Unidos), do Ministério das Finanças do Japão, do Banco Nacional Suíço e do Departamento do Tesouro norte-americano.

O segundo item do telex conta que o representante do FMI relatou que "as autoridades brasileiras continuam a manter o Fundo informado sobre o programa econômico do Brasil". E o terceiro diz que o Bird continua discutindo com o Brasil possíveis programas de ajustamento setoriais. É no quarto item que se resumem as sete horas de discussão interrompidas, como num jogo de basquete, para consultas de cada time.

"O sr. Milliet (o presidente do Banco Central, Fernando Milliet) entregou uma proposta ampla e geral para um plano de novo financiamento, da qual uma cópia está sendo enviada à comunidade financeira internacional. A proposta foi preparada por representantes do Brasil, e de nenhuma maneira reflete os pontos de vista do Comitê. Em adendo, muitos importantes pontos não foram levantados pela proposta, ou foram tratados apenas genericamente. Grupos de trabalho do Comitê vão procurar esclarecer esses pontos com representantes do Banco Central e do Brasil durante a próxima semana. O Comitê e os representantes do Banco Central e do Brasil concordaram em reunir-se outra vez na sexta-feira, 2 de outubro."

Assinam o telex o Citibank, Lloyds, Morgan, Arab Banking Corporation, Bank of America, Bank of Montreal, Banco de Tóquio, Bankers Trust, Chase Manhattan, Chemical Bank, Credit Lyonnais, Deutsche Bank, Manufactures Hanover e Union Bank da Suíça.

De volta ao FMI

Na mesa dos repórteres, no FMI, o ministro Bresser Pereira era questionado sobre os japoneses. O que será feito por eles até o dia 30, quando vão declarar grandes prejuízos por causa da moratória brasileira?

"Ah, aí, ou eles entendem que nossas negociações começaram, ou não podemos fazer mais nada. Não dá tempo..."

O próprio ministro não sabia dizer se para os japoneses bastaria um início de "sérias negociações" para adiar o prazo que podem ficar sem receber juros de seus empréstimos e não declará-los como de "valor depreciado". Nos Estados Unidos, isso bastaria, segundo ele tem repetido, e é assim que se espera contornar o prazo de 26 de outubro.

O ministro ficou muito surpreso quando soube, pela imprensa, que os relatórios do FMI sobre o Brasil não são publicados, como gostaria que fossem, apenas porque ele ainda não quis. É dele próprio que deveria partir a ordem. Um repórter acrescentou: "Alexandre Kafka não atende telefonemas de jornalistas..." e aí o ministro concluiu: "Deve ser por isso que ele está aí há 20 anos..."

Na porta do FMI, entre as limusines, surgiram ontem dois mendigos, um deles com um cartaz identificando-o como um veterano de guerra. Foram uma pequena atração pelo grande contraste que representavam com os banqueiros e ministros de Finanças do mundo ali reunidos. Mas ficaram pouco. Um sumiu logo, e o outro passou a maior parte do dia dormindo ao lado da entrada da imprensa. Alguém deixou entre suas mãos um pacote de biscoitos.